

MOTRICIDADE HUMANA E ESPORTE CONVENCIONAL¹ - QUESTÕES PARA UMA ANTROPOLOGIA DA CULTURA FÍSICA²

* UBIRAJARA ORO

1. INTRODUÇÃO

Abordagens da motricidade humana vêm-se multiplicando e desenvolvendo em nosso meio, indicando um interesse crescente da sociedade pela temática do movimento. Os exercícios físicos, a ginástica, os jogos esportivos, os desportos e a dança são motivos evidentes de atenção e de ocupação do homem de hoje. Entre outras, uma causa disso poderia ser o aparente reconhecimento da cultura física como elemento indispensável ao desenvolvimento humano equilibrado. Nas condições de vida, propostas pela civilização, as atividades físicas não laborais superaram amplamente o critério de utilidade, fornecendo às pessoas perspectivas de autocultivo e de emancipação (neste particular tem sido relevante a contribuição teórica e prática do esporte de lazer, DIECKERT, 1978).

Entretanto, o conhecimento sistemático da motricidade não aparece simetricamente distribuído pelas várias áreas de estudo, que a investigam. Ele tem acompanhado a tendência epistemológica predominante em nossos dias, mais sensível ao "evidente", ao "experimentável", ao "quantificável", ao "racionalizável", isto é, àquilo passível de controle rigoroso e de estandarização (aliás, seguindo a tradição positivista da ciência contemporânea). Ainda permanecem menos discuti-

* Professor Adjunto do DEF/CDS/Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Humanidades.

1. O predicativo "**convencional**" contempla a acepção mundialmente tradicionalizada do esporte, como instituição de cunho competitivo, regulada por normas e organismos internacionais.
2. A expressão "**cultura física**" é aplicada em seu sentido amplo de conjunto de atividades corporais, praticadas para desenvolvimento da motricidade humana.

dos e intelectualmente trabalhados aspectos e questões que se dediquem à análise crítica das origens e dos fundamentos dos atuais caminhos, bem como das suas conseqüências presentes e futuras. Esta lacuna mereceria maior consideração, uma vez compor a reflexão filosófica a substância básica, o instrumental para o pensamento pedagógico, do qual derivam as propostas para a prática do movimento.

Com essa preocupação, este trabalho alinha seu enfoque pela Antropologia Filosófica, tentando levantar argumentos em torno das interseções do esporte com o trabalho, aí procurando revelar o caráter industrialista das práticas esportivas tradicionais (bem ou mal dissimulado pelo discurso justificador). O propósito central do texto é esboçar o perfil antropológico adotado pelo esporte convencional, disso chegando, na conclusão, a algumas deduções para o questionamento antropológico do esporte no âmbito da cultura física de nossa época.

O argumento começa com a interpretação filosófica do corpo e da motricidade, dentro da visão fenomenológica.

A seguir, caminha através do processo de hominização, em que atribui à motricidade um papel destacado, como foco da reflexão.

Continua com uma breve digressão pela gênese do esporte moderno, no contexto histórico da Revolução Industrial, bem assim alude aos motivos prováveis da definição de sua identidade.

Daí, passa a uma análise do perfil antropológico proposto pelo esporte e pela indústria, onde procura mostrar a sua sobreposição.

O texto conclui com algumas considerações a respeito do esporte convencional, de que são deduzidas questões a remeter ao pensamento antropológico sobre a motricidade e a cultura física de hoje.

2. CORPO E MOVIMENTO: OS ATRIBUTOS NUCLEAIS DA EXISTÊNCIA HUMANA

Quando alguém fala no homem refere-se a um ser concreto, portanto, situado no espaço e no tempo. E, desde logo, dá-se conta de que essa concretude está dada "a priori", na medida em que ela aparece, primeiro, no mundo físico. Ou seja, para que se possa manifestar uma forma de existir no mundo, a que se dá o nome de homem, ela, antes, há de se constituir como corpo, sem o que não seria perceptível.

vel. Assim, o corpo é a comprovação evidente da presença do homem no mundo³.

A corporeidade humana apresenta-se como um atributo multidimensional. Ao mesmo tempo, o homem é e tem corpo, do que surge a sua condição ambivalente, em relação a este último e ao mundo: num primeiro momento, abstraído o corpo de sua situatividade existencial concreta, descortina-se uma ligação mutável entre ele e o eu, a qual se movimenta, em situações distintas, desde a comunhão, num extremo, até a separação, no outro; eu e corpo estão encerrados um no outro, numa tensão constante entre identidade e estranheza, e a relação entre ambos (por estar em aberto) só poderá ser estabelecida através da ação (GRUPE, 1975); num segundo momento, intervém o mundo objetivo, o "não-eu", com o que as já inúmeras conotações da relação eu-corpo se vêm em ainda multiplicadas; especialmente significativa, neste contexto, é a presença do outro, que produz as relações intersubjetivas; também como corpo, o outro revela-se a mim, que o percebo por mediação do meu corpo; o corpo do outro manifesta-se a mim "com um certo coeficiente objetivo de utilidade e adversidade" (SARTRE, ap. BORNHEIN, 1971, p. 99), porque da sua presença emana a distinção entre nossas respectivas subjetividades. A multidimensionalidade do corpo humano é tanto física quanto espiritual, natural e cultural, do eu e do mundo; o corpo é o mediador e o meio da relação do homem com o mundo, é o ingresso e o acesso para os outros e para as coisas (GRUPE, 1975).

A medida que o homem vive sua corporeidade e se percebe corpo, passa a ser significativo a si próprio e aos outros. A comunicação intersubjetiva, pela qual um homem se torna visível e compreensível a outro homem, dá-se via palavra e gesto, ambos predicados do corpo e fenômenos tipicamente humanos, porque possuídos de significado.

Gesto configura e implica em movimento corporal expressivo. "O corpo e seus movimentos estão sempre no centro de toda e qualquer manifestação e possibilidade expressiva" (SANTIN, 1974, p.155). A expressividade do gesto humano atribui transcendência aos movimentos cor

3) O pensamento fenomenológico, especialmente o da Fenomenologia Existencial em língua francesa (Marcel, Merleau-Ponty, Sartre), concebe o homem como corpo "a priori", a partir do que desenvolve toda a sua reflexão antropológica (GRUPE, ap. PLESSNER, 1975).

porais do homem, que, se ou quando gestos, avançam para além dos fenômenos naturais, por estarem imbuídos de uma intenção simbólica, representativa, consciente.

Ao tornar-se expressão de intenções e comunicação de significados, a motricidade humana passa a adquirir dimensões valorativas. Um gesto, como exteriorização intencional, deriva de uma opção e, desde logo, supõe autodeterminação.

Se essas colocações são pertinentes, conduzem a reflexão sobre a motricidade humana para a esfera axiológica e ali a defrontam de imediato com a noção de liberdade, seja ela de conotação circunstancial, seja concebida como possibilidade apriorística de escolha⁴.

Manifestar uma intenção por um gesto significa, então, que a motricidade humana pressupõe espaço e alternativas para se auto-organizar e acontecer. Sendo expressiva, requer o direito e o respeito à volição, que lhe dá origem. E só assim torna o homem "senhor dos seus atos", bem como o individualiza perante os outros homens, dotando-o de identidade.

Corporeidade e motricidade, portanto, são os dois atributos mais essenciais do ser-do-homem: localizados no centro da existência humana, dão possibilidade e conteúdo a todos os demais atributos, que, conjuntamente, fazem o homem e por ele são feitos.

3. MOTRICIDADE E HOMINIZAÇÃO

No processo de evolução do homem, desde seus ancestrais pré-humanos, a motricidade teve sempre um papel relevante. Através dos movimentos, o homem provocou as transformações quantitativas e qualitativas do meio, que lhe favoreceram a sobrevivência. Em todas as etapas desse processo, as funções motoras constituíram a categoria central, o veículo viabilizador das diferentes formas de relacionamento do homem com seu mundo físico e social.

A organização dos movimentos em favor da subsistência constitui, portanto, um requisito indispensável à evolução humana e que se

4) Sobre os significados fundamentais de liberdade, cf. ABBAGNANO, 1982, p. 577ss.

perpetua como imposição natural, na medida em que o homem existe fisicamente. Essa perspectiva utilitária da motricidade desenvolveu-se pelo trabalho; todas as formas e ritmos de movimento utilitário tiveram nele sua modelação (ENGELS, 1979).

A intervenção do homem sobre a Natureza via trabalho pode ser vista como um processo bidimensional: o trabalho não apenas modifica a Natureza; no sentido inverso, provoca alterações também no homem.

A evolução da motricidade pré-humana em especificamente humana foi acompanhada de transformações morfofuncionais, em particular, nos membros superiores e nos inferiores. As extremidades superiores especializaram-se na manipulação e as inferiores, na locomoção (MEINEL, 1976).

A longo prazo, a mão humana experimentou, por meio do trabalho manipulativo, alterações estáveis, genéticas (ENGELS, 1979). Sendo, por outro lado, apenas um membro de todo o organismo integrado do homem, "o que beneficiou a mão veio também em benefício de todo o corpo, a cujo serviço ela trabalhava" (ENGELS, ap. MEINEL, 1976, p.20).

O pé substituiu sua função preênscil pela locomotora. Os quadris e as pernas alongaram-se e avolumaram-se, para garantir a biptação prolongada e o desempenho eficiente da marcha, da corrida e do salto. Além destas, todas as demais formas básicas da motricidade humana surgiram nessa fase primitiva, como respostas concretas a tarefas situacionais (MEINEL, 1976).

O processo de hominização teve na linguagem o outro de seus dois impulsos fundamentais. Ao lado do trabalho, a articulação verbal conduziu à conscientização dos movimentos como fenômenos objetivos, pelo que o efeito de cada ato motor podia ser comparado com a meta desejada e, assim, sofrer eventuais correções (MEINEL, 1976). Linguagem e motricidade enriqueciam uma a outra, na medida em que os efeitos desta última estimulavam a elaboração inteligente de juízos sobre alternativas de ação, as quais, por sua vez, induziam a diversificação de experiências motoras.

O homem primitivo cultivava uma motricidade essencialmente utilitária. O trabalho era, inicialmente, o único contexto para exercitar sua capacidade motora. Com o passar do tempo, pela renúncia às

metas laborais, os movimentos básicos deram origem a derivações, que se dirigiam para finalidades situadas além da utilidade imediata (MEINEL, 1976). O cultivo de exercícios físicos promovia o aperfeiçoamento da coordenação motora e a ampliação do repertório de movimentos.

Mais tarde, a partição do trabalho, em consequência da diferenciação de habilidades individuais, introduziu a especialização laboral e, com ela, a da motricidade. Da atividade artesanal à mecanização e depois à automação, a motricidade humana regrediu da globalidade à miniaturização (MEINEL, 1976).

Desse processo histórico resultou que a qualidade, a quantidade e o significado antropogênico das atividade física executada no cotidiano continuam repercutindo, decisivamente, nos níveis de desenvolvimento motor e de equilíbrio orgânico dos indivíduos e grupos humanos. Embora a parcela maior de energia ainda seja dedicada ao trabalho, em seus cada vez mais reduzidos, racionalizados e sedentarizados movimentos, aos poucos essa mesma racionalização laboral acaba liberando o homem de funções mecânicas e alienantes que lhe consomem as forças e o tempo: com a redução gradual das jornadas de trabalho, aumenta o tempo livre para a experiencição de capacidades e aptidões não laborais, entre as quais se inclui a cultura física. Mesmo que tal perspectiva dependa do grau de desenvolvimento econômico e social do indivíduo ou do grupo, como processo ela corresponde a uma tendência inequívoca.

Portanto, a contribuição da motricidade para a humanização - o processo individual e social de amplificação de todas as potencialidades humanas, que conduz ao equilíbrio e à satisfação existencial - não se restringe mais, como durante a hominização, ao âmbito do trabalho. Devido à monofuncionalização da motricidade laboral, hoje, o papel principal de estímulo às funções biológicas do homem e à sua integração ativa com o meio ambiente passa para a cultura física.

O mundo humano, em seu conjunto, é, em resumo, fruto da relação dialética entre a motricidade do homem e as diferentes metas a ela colocadas pela sua vontade. O homem deve à sua motricidade o próprio fato de ser homem.

4. O ESPORTE MODERNO

Dentro de um contexto histórico e cultural, a motricidade originou, e sustenta, aquilo que se compreende por esporte.

Inicialmente concebido como divertimento (ROTHIG, 1976), o esporte possuía evidente caráter lúdico. Até uma parte do Século XIX, os exercícios físicos eram vinculados a instituições determinadas, bem como às suas funções, necessidades e significações específicas. Assim, o esporte era estreitamente ligado a outras formas de atividade física, em especial, à caça, à arte bélica, ao pastoreio, à agricultura (GRIESWELLE, 1978). Embora competir não fosse algo propriamente novo para a época, era, entretanto, apenas um entre outros tantos elementos do jogo e dos costumes; a aprendizagem de gestos adequados e habilidades, os objetivos de saúde e aptidão física estavam em primeiro lugar (GRIESWELLE, 1978).

Na Inglaterra do Século XVII, já começava, porém, uma modificação desse quadro mais geral: de um complexo de exercícios populares (futebol, críquete) e de formas corporativas de movimento (tiro, equitação, esgrima) surgiram os modernos "sports" (boxe, remo, hóquei, atletismo, natação). Ao contrário dos exercícios elitizados e dos populares, esses "sports" caracterizavam-se por forte orientação produtiva e competitiva, bem como por uma crescente racionalização. Em contraste com as formas de ação relativamente casuais, imprevistas e tradicionais de outrora, tratava-se agora de formas de ação objetivadas, calculadas, organizadas e planejadas (GRIESWELLE, 1978).

A orientação ao rendimento e à competição, ligada à racionalização de muitas esferas da vida, tornaram o esporte democratizado, isto é, livre da dominação de grupos restritos; o critério para acesso a ele chamava-se rendimento.

Essa mudança de rota imprimida ao esporte não foi casual. A Inglaterra ancorava um processo econômico e social inédito, inspirado na racionalidade científica e tecnológica, em que sobressaíam valores ao individualismo e à rentabilidade. Com a Revolução Industrial, produzir tornava-se a palavra de ordem e o rendimento passava a superar o critério de seleção social por berço para afirmação de "status" .

Desde então, a assimilação pelo esporte da ideologia produtivista da indústria pode ser inferida dos seus critérios estruturais e fun

cionais: "cientifização, sistematização, regulamentação, organização intencional, objetivação, planificação, calculabilidade da ação e, especialmente, economia e tecnologização" (GRIESWELLE, 1978, p. 61). Tal como ocorria no trabalho industrial, a motricidade esportiva passava a submeter-se a uma rigorosa especificação, que, apesar de mais global e diversificada que a primeira, obedecia ao mesmo propósito objetivo: rendimento máximo possível. E, da mesma forma que a máquina estabelecia o padrão de motricidade para o trabalhador, a bem de que ele pudesse operá-la economicamente, o esporte engendrava modelos "ideais" de movimento, para que o desempenho atlético fosse maximizado⁵.

5. ESPORTE E INDÚSTRIA: UM MESMO PERFIL ANTROPOLÓGICO

A reflexão sobre o humano, empreendida hoje pela Antropologia Filosófica, trata de situar, descrever e identificar o ser-do-homem no seu contexto histórico e material, em vez de procurar por uma pretendida "natureza humana", comum a todos os homens. Estuda, pois, o homem na sua cultura, verificando como cada grupo humano resolve sua problemática de produção e consumo, de comunicação e expressão, de política e organização social, de religião e ideologia, de educação e moral.

Dessa análise contextual da vida humana, em que o homem deixa, então, de ser metafisicamente idealizado como um ser universal e abstrato, para ser interpretado a partir das evidências concretas do seu modo de viver, podem ser deduzidos perfis humanos, isto entendido como conjuntos de traços culturais comuns aos indivíduos e presentes nas manifestações existenciais dos seus respectivos grupos.

Ao aludir ao esporte e à indústria é, então, necessário a quem o faça ter claro tratar-se de duas instituições típicas da civilização ocidental, nascidas na Europa moderna e em meio a uma fase histórica de transição cultural.

5) É fato conhecido que a racionalização científica da motricidade não começou no esporte, mas na indústria: a Biomecânica, a Fisiologia do Esforço e a Aprendizagem Motora iniciaram seus caminhos a serviço do trabalho e dele passaram ao esporte.

Por outro lado, é preciso considerar que o homem constrói idealizações representativas sobre si próprio, que transfere para o seio de sua vida concreta (CASSIRER, 1972)⁶.

Contribuem para a criação dessa dimensão simbólica da realidade, e em parte a determinam, as condições sob as quais o homem vive, suas necessidades, interesses e valores.

Tais pressupostos permitem compreender o esporte como a representação do "Homo faber" no mundo lúdico da cultura contemporânea; o esporte revive a indústria à medida que a idéia de progresso, via produção, baliza em ambas instituições as necessidades, os interesses e os valores do homem ali encontrado. Historicamente, a noção de rendimento passou a valer como possibilidade de emancipação e de superação da cultura tradicional. Para tanto, foi preciso admitir a racionalidade como princípio organizador da existência e acreditar na individualidade como premissa básica da vida social.

Os conceitos-chaves do trabalho industrial são os mesmos do esporte. Racionalizar, concorrer e produzir estabelecem entre si uma relação sistêmica cíclica: a concorrência estimula a racionalização, em favor da produção; por sua vez, a produção torna a suscitar a concorrência, reiniciando o ciclo em patamares progressivos. O esporte moderno está de tal modo impregnado dessa ideologia produtivista, que assimila com naturalidade predicativos com "competitivo", "de rendimento" e também "profissional"⁷.

A aspiração ao rendimento, tomado como mola mestra da prática esportiva, aproxima, pois, o esporte do trabalho industrial, pondo em risco sua emancipação como categoria cultural diferenciada. O objetivo da produção de "resultados" encaminha um processo de racionalização da vida; em que o indivíduo esportista submete todas as suas e

6) Por isso, CASSIRER denomina o homem de "animal symbolicum".

7) Esses predicativos deixam transparecer o vértice da pirâmide axiológica, sob a qual se abriga o esporte convencional: **a medida.**

nergias e disponibilidades bio-psico-sociais ao ideal de eficiência máxima, dentro de uma concepção economicista, similar à da máquina.

O trabalho industrial conduz a uma progressiva alienação da motricidade. Além de cada vez mais restringidos e miniaturizados, em flagrante oposição às necessidades naturais da globalidade corporal, os movimentos laborais consubstanciam-se, na indústria, em estereótipos motores que os tornam mecânicos e inexpressivos, porque dicotomizados da consciência e da opção. O trabalhador deixa de ser sujeito para tornar-se meio do que produz (MARX, 1983)⁸. A "racionalidade" de seus movimentos visa à economia de esforço, não pelo seu bem-estar pessoal ou por respeito à sua singularidade de indivíduo, mas para transformar a energia economizada em acréscimo de produção.

No modelo de esporte em análise, repete-se essa alienação do corpo e da motricidade, como denunciada no trabalho industrial. O movimento esportivo, normatizado por regras internacionais, previsto cientificamente em formas de máxima rentabilidade, condicionado até a automatização dentro do padrão ideal, está a serviço da produção de algo que transcende continuamente o esportista, como pessoa. Ou seja, para preencher uma finalidade, que nem sempre percebe, o indivíduo é instado a adaptar-se aos padrões idealizados de motricidade e de treinamento, sem o que a sua presença no esporte se tornaria insustentável. Na realidade, o esporte tem pouco espaço para objetivos hedonísticos ou para o desfrute do próprio corpo (onde, talvez, estivesse a sua oportunidade de emancipação e diferenciação, como dimensão cultural), porque se funda na ideal da auto-superação agonística, pela qual a premissa "citius, altius, fortius" polariza todas as ações. As necessidades e até os limites de capacidade do corpo são ofuscados pela ambição de mostrar eficiência, render, produzir (exatamente como se propõe fazer a indústria, justificada pelas "leis de mercado"). Mesmo podendo as condições individuais e os motivos humanos disso abdicar, a força ideológica do produtivismo impõe-se a todos aqueles que buscam no esporte convencional um modelo de cultura físi-

8) Enquanto MARX realiza uma análise crítica desse modo de produção, o taylorismo não apenas o defende, como busca intensificá-lo e a aperfeiçoá-lo com vistas ao lucro (cf. RAGO & MOREIRA, 1984).

ca; um exemplo sugestivo tem-se na "Olimpíadas" para pessoas deficientes, em que o disfarce do produtivismo não deixa reconhecer as peculiaridades da clientela, a quem, possivelmente, coubesse melhor outra proposta.

Também as regras esportivas reproduzem, como normas de comportamento, as estruturas encontradas na indústria. Patrões e operários, de um lado, dirigentes e atletas, do outro, compõem um quadro relacional de múltiplas identidades. Hierarquia, burocracia e disciplina formal constituem categorias centrais da convivência entre as partes. Atitudes de importante dimensão política são veiculadas como posturas éticas úteis à vida social: liderança, competência, abnegação; com efeito, favorecem tais atitudes o controle político mais que um verdadeiro equilíbrio democrático, porque não modificam a relação de poder: dirigentes e patrões definem as normas; atletas e operários cumprem-nas.

Dessas colocações podem ser extraídos traços para esboçar um perfil antropológico ambivalente ao trabalhador industrial e ao atleta: ambos são treinados e condicionados a tarefas específicas; ambos dedicam a essa tarefa sua majoritária disponibilidade existencial; ambos têm a conduta racionalizada, portanto, sujeita a controle sistemático por terceiros; ambos são submetidos a padrões ideais - então, impessoais de produção; ambos são substituíveis (como peças mecânicas) por insuficiência frente a esses padrões; ambos são politicamente dominados em seus respectivos contextos de atuação. Em resumo: ambos servem à mesma ideologia, que os torna perfilarmente idênticos, como homens.

6. CONCLUSÃO

A teorização sobre a cultura física não é, nem pode ser, unívoca. Seu conteúdo semântico e, mais ainda, o pragmático dificultam a homogeneização interpretativa, logo, também a definição de conceitos universais.

Assim, a compreensão do que seja esporte - tanto faz se o diferenciarmos conceitual e lingüisticamente com "desporto" ou "jogo" - a penas poderá ser atingida a partir das suas práticas, porque são estas e não os conceitos imaginados pelos intelectuais a fonte de ele-

mentos que o tornem um fenômeno inteligível.

As práticas esportivas denotam uma extensa variabilidade, não só de atividades-tipos, mas de significados. E é nestes, que aquelas ganham sua dimensão antropológica.

Uma mesma atividade esportiva pode assumir diferentes interpretações práticas, de acordo com a intenção que a move, do que quiser expressar, do significado a ela atribuído. Pois o esporte não é um fenômeno natural, biológico, senão que, antes, uma instituição cultural, historicamente situada no mundo construído pelo homem.

Se concordarmos com SCHELER, a partir de quem o pensamento antropológico passou a ver o ser-do-homem como abertura, plasticidade, inacabamento e versatilidade existencial (GRUPE, ap. PLESSNER, 1975), seremos forçados a admitir que a concepção tradicional do esporte não precisa nem pode ser a única; supostamente, sua interpretação convencional poderia ter sido distinta do que foi, tal como aconteceu com outras formas de atividade (dança, ginástica), que com ele integram o campo da cultura física.

Do ponto de vista antropológico-filosófico, entretanto, o problema estará sempre em perceber que implicações uma dada interpretação do esporte acarreta para o conteúdo existencial dos seus praticantes, a começar pelo seu significado humano. Ou seja, a reflexão terá a constatar em que medida a prática esportiva ajuda a enriquecer e equilibrar a vida humana individual e social.

Certamente, sua interpretação convencional, além de existente e possível, também é legítima porque traduz interesse, valores e expectativas de grupos até numerosos. Constitui, nesse sentido, a representação de homem que esses homens têm de si mesmo.

Outra coisa, porém, é conceber essa representação como única ou, mesmo, como a mais autêntica. Isso redundaria em bitolar as perspectivas do homem esportista, negando a liberdade de escolha aos indivíduos, em insinuar um modelo antropológico universal, impostando um só perfil de homem.

Naturalmente, a universalização de um modelo único de homem, hoje, alcança conotações sociais distintas das de outrora: no passado, o esporte reproduzia (talvez, até involuntariamente) o modelo fabril

de homem; atualmente, é a indústria que se volta para o esporte, se não como subsídio modelar, pelo menos como oportuno veículo ampliado de mercado. A reabilitação axiológica da corporeidade e da motricidade esportiva traz grande conveniências econômicas para a indústria: nossa cultura de massa sustenta-se via consumo; nele há uma tendência generalizada às padronizações, sobressaindo entre todas a de comportamento; através dos meios de comunicação, a publicidade comercial padroniza corpo e movimento, criando uma expectativa social de identificação com os modelos produzidos; então, entra em cena a indústria, fabricando mercadorias para vestir e treinar essas outras duas "matérias primas", aliás, cada vez mais abundantes e variadas. A padronização do corpo e da motricidade esportiva mostra-se um investimento compensador para a indústria, porque reduz os custos de produção e tem retorno garantido pela propaganda.

Esse contexto situativo, descritivo e identificativo da sociedade do nosso tempo é o quadro existencial humano, com e no qual tem que trabalhar uma antropologia da motricidade esportiva.

Se eticamente solidário ao princípio de o homem ter direito a decidir por si próprio e de viver de acordo com os valores que tenha por mais aceitáveis (isto é, de descobrir e construir sua própria identidade humana), o pensamento antropológico-filosófico terá que assumir o compromisso de esclarecer e orientar a sociedade sobre o significado e as conseqüências das concepções de esporte por ela postas em prática. Não que o deva fazer através de posturas dogmáticas ou maniqueístas. Mas que leve em conta seus próprios pressupostos filosóficos e, assim, ajude os homens em suas pluralidades e diferenças a encontrar suas próprias identidades.

Sem isso, o conhecimento antropológico torna-se discurso vazio e o esporte uma prática humanamente sem significado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- 2 BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. São Paulo, Perspectiva, 1971.

- 3 CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- 4 DIECKER, Jürgen. **Freizeitsport: Aufgabe und Chance für jedermann**. 2.ed., Opladen, Westdeutscher, 1978.
- 5 ENGLER, Friedrich. **A dialética da natureza**. 3.ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- 6 GRIESWELLE, Detlef. **Sportsoziologie**. Stuttgart, Kohlhammer, 1978.
- 7 GRUPE, Ommo. **Grundlagen der Sportpädagogik**. 2.ed., Schorndorf, Hofmann, 1975.
- 8 MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Vol. I. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- 9 MEINEL, Kurt. **Bewegungslehre**. Berlin Ost, Volseigener, 1976.
- 10 PLESSNER, Helmuth et alii. **Sport und Leibeserziehung**. 4.ed., München, Piper, 1975.
- 11 RAGO, Luiza & MOREIRA, Eduardo. **O que é taylorismo**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- 12 ROTHIG, Peter (org.). **Sportwissenschaftliches Lexikon**. 3.ed., Schorndorf, Hofmann, 1976.
- 13 SANTIN, Silvino. Educação Física e deportes: uma abordagem filosófica da corporeidade. **Kinesis**, Nº especial, 143-156, 1984.
- 14 _____. Reflexões antropológicas sobre a Educação Física e o esporte escolar. **Kinesis**, 1(2):119-130, 1985.

Recebido para publicação em: 22/8/86.